

LEXICOGRAFIA BILÍNGÜE E *CORPORA* PARALELOS: PROCEDIMENTOS E CRITÉRIOS EXPERIMENTAIS

Adriana Zavaglia
USP/CITRAT – Brasil/FAPESP
adriana.zavaglia@gmail.com

Resumo: Este trabalho tem como escopo apresentar uma abordagem interdisciplinar da lexicografia bilíngüe a partir de corpora paralelos pela discussão dos procedimentos e critérios a serem adotados para tal. Pretende-se elaborar critérios que dêem conta da caracterização da variação semântica de uma determinada lexia em contexto autenticamente bilíngüe por intermédio de procedimentos balizados em expedientes lingüísticos e tradutológicos diversificados aplicados a corpora paralelos, incluindo: a concordância de lexias, o alinhamento de ocorrências paralelas na direção do português para o francês, a classificação das relações tradutórias em questão e uma análise enunciativo-distribucional dos enunciados nos quais ocorrem as lexias. Tal trabalho, ilustrado neste artigo pela observação e análise da lexia *capanga*, permite ao lexicógrafo incluir definições e contextualizações da variação semântica das lexias estudadas na microestrutura dos verbetes, que será baseada numa relação de proporcionalidade entre frequência de ocorrência no corpus e ordem de inserção no verbete.

Palavras-chave: lexicografia bilíngüe; francês; português; enunciação; tradução; corpus.

Abstract: This work presents an interdisciplinary approach to bilingual lexicography based on parallel corpora by discussing the criteria to be adopted. We elaborate procedures to characterize the semantic variation of a given word in a bilingual context based on linguistic and translation tools applied to parallel corpora, including: the word concordance, the alignments of parallel french-to-portuguese occurrences, the classification of translation relations in question, and an enunciative-distributional analysis of the utterances where the words occur. This work, illustrated in the present paper by

the observation and analysis of the word *capanga*, allows the lexicographer to include definitions and contextualizations of the semantic variations of the words studied in the dictionary entry. The dictionary entry content is based on the proportionality relation between the frequency of occurrences in the corpus and the order of insertion in the dictionary entry.

Keywords: Bilingual Lexicography, French, Portuguese, enunciation, translation, corpus.

Este trabalho tem como escopo apresentar uma abordagem interdisciplinar da lexicografia bilíngüe a partir de *corpora* paralelos. Pretendemos, por um lado, discutir os procedimentos passíveis de serem adotados na elaboração de dicionários de língua padrão bilíngües e, por outro, elaborar critérios que possam dar conta da caracterização da variação semântica de lexias em co-texto e contexto bilíngüe. Para tal, serão consideradas as vantagens e desvantagens existentes em algumas obras dessa natureza referentes ao par de línguas francês / português que se encontram no mercado (Burtin-Vinholes, 2003; Rónai, 1989; Azevedo, 1998; Signer, 1998) e as estratégias próprias de dicionários monolíngües, como a definição e a exemplificação.

A partir de pesquisas anteriores (cf. Zavaglia 2004a; 2004b; 2005), pelas quais propusemos uma abordagem diferencial da lexicografia bilíngüe (francês – português), pudemos perceber que é possível, e bastante enriquecedor, utilizar originais e traduções com o auxílio de ferramentas da lingüística de *corpus* para construir dicionários bilíngües em geral, uma vez que a polissemia dos vocábulos estudados é co-textualizada e contextualizada pelos usos efetivos das unidades em contato na tradução, o que contorna e resolve, ainda que de forma experimental, a problemática referente às lacunas encontradas nos dicionários consultados.

Para levar adiante essas reflexões, propomos neste artigo, por meio de expedientes diversificados provenientes da lingüística de *corpus* (Sardinha 2004, Tognini-Bonelli 2001), da lingüística enunciativa de Culioli (2000) e da teoria da tradução (Aubert 1998), desenvolver experimentalmente uma metodologia que permita ao

lexicógrafo tratar mais eficazmente toda a complexidade que envolve a descrição da polissemia de uma lexia em contexto bilíngüe (em co-texto e contexto específicos na relação entre original e tradução) por meio de exemplos concretos.

Desse modo, utilizamos um *corpus* paralelo digitalizado de mais de 180.000 palavras (texto integral de *Sagarana* e a sua tradução integral homônima para o francês),¹ do qual extraímos enunciados contendo a lexia *capanga* e suas traduções para o francês. O programa eletrônico utilizado na pesquisa foi o WordSmithTools. Nossa análise contou com duas etapas: a concordância de *capanga* e o alinhamento de suas traduções. Do procedimento de concordância da lexia, com cinco co-ocorrências à direita e cinco à esquerda, obtivemos como resposta 15 enunciados, que analisamos pela teoria culioliana para esboçar o perfil semântico-funcional de *capanga*. Em seguida, alinhamos as ocorrências da lexia com suas traduções para o francês com o intuito de observar as suas relações e comportamentos.

Procedimentos e critérios experimentais

As unidades léxico-gramaticais das línguas remetem potencialmente a diversos valores referenciais, variando semanticamente; em co-texto e contexto específicos, no entanto, elas assumem apenas um valor (com exceção da ambigüidade, que impõe uma bifurcação entre dois valores). Pensemos na lexia *capanga*. Analisada fora de contexto, ela remete potencialmente a pelo menos dois valores referenciais. Em co(n)texto específico, no entanto, observa-se uma estabilização de seus possíveis valores, como nos seguintes enunciados:

- (1) Cada um trazia, na *capanga*, bem agargalada, uma garrafa suplementar.
- (2) [...] os *capangas*, lá fora, empunhando os cacetes, farejando barulho grosso.

Percebemos imediatamente nos enunciados acima que *capanga* assume ora um valor, ora outro, e não os dois ao mesmo tempo (se esse fosse o caso, entraríamos no jogo de palavras, na metáfora, numa outra dimensão): em (1) *capanga* é um determinado tipo de bolsa e em (2), um determinado tipo de homem.²

Em outros trabalhos (cf. Zavaglia 2004a e 2005, para a caracterização de *um*, e Zavaglia 2004b, para a caracterização de *como*), demonstramos, a partir do conceito de forma esquemática (FE) de Culioli (2000), que é possível delinear a identidade da variação semântica de uma dada lexia pela observação de sua polissemia. O procedimento analítico para a elaboração de uma FE pode trazer à tona, no contexto monolíngüe da língua portuguesa, a hipersintaxe de *capanga* que permite a sua variação semântica (polissemia) em (1), que se refere ao domínio da cultura material, e em (2), que se refere ao domínio da cultura social. Ou seja, embora distintas semanticamente, a lexia *capanga* que ocorre em (1) funciona da mesma maneira que a que ocorre em (2). Esse funcionamento comum é a hipersintaxe ou a FE da lexia, a qual só pode ser construída pela observação de seus diferentes usos textuais. Embora cada um dos diferentes valores referenciais de uma certa lexia atualizados na enunciação seja indispensável para a construção de sua FE, nenhum deles poderia esquematizar abstratamente por si só essa variação.

Para ilustrar o conceito de FE, apresentamos abaixo um exemplo simplificado da FE que elaboramos para *como* a partir de um metatexto analisado pelos subsídios da teoria culioliana e constituído de vários enunciados nos quais *como* aparece, que não será aqui retomado (para mais detalhes, cf. Zavaglia 2004b). Observando esse metatexto, construímos uma FE (definição hipersintática) para a lexia que pode ser entendida como um funcionamento que se verifica em qualquer um de seus diferentes usos textuais, a qual apresentamos a seguir:

Como marca uma relação de proporção entre dois termos P e Q.

A relação de proporção marcada pela lexia se dará por comparação (valor a), inferência (valor b) ou varredura (valor c), dependendo do co(n)texto em que *como* se encontra.

Com o valor (a), *como* marca que uma propriedade Q, de domínio desconhecido, é conduzida ao domínio de P, conhecido, aproximando as propriedades de Q às propriedades de P, como em:

A fruta mal madura da cagaiteira, comida com sol quente, tonteia COMO cachaça.

Em outras palavras, Q tonteia da mesma maneira que P: Q tonteia COMO P.

Com o valor (b), *como* assume a incumbência de inferir um domínio Q, esperado, pelo domínio de P, evidente, ou seja: já que P, então Q, ou COMO P, então Q, como no exemplo abaixo:

– Mas você, casado COMO é, não tem vergonha de andar com outra mulher?

Com o valor (c), *como* marca uma varredura apenas no domínio de P com tentativa de estabilizar uma relação entre P e Q, com o recurso ao enunciatário (em outras palavras, de que Q é P? Ou seja, COMO é P?):

– COMO é ela?

O procedimento analítico acima ilustrado é aplicável, de acordo com as propostas culiolianas, a contextos monolíngües. No universo da tradução a variação semântica se desdobra em outros níveis. Assim, conforme a sua atualização semântica, *como* será traduzido por diferentes lexias em outras línguas. No *corpus* português – francês estudado em Zavaglia (2004b), as ocorrências de tradu-

ções de *como* serão, para o valor (a), *comme, tel(le), tout pareil que, que*; para o valor (b), *comme* e *en*, para o (c), *comment*. Em contexto bilíngüe, portanto, percebe-se que há variação mesmo quando apenas um valor referencial está em jogo.

Após a breve ilustração anterior, voltemos à lexia estudada neste artigo. Em nosso *corpus* paralelo, as relações de tradução observadas, as quais denominaremos doravante de paralelismos, são, tal como verificamos para *como*, diversas: *capanga* aparece traduzida por *musette, bourse, équipe, garde du corps, homme de main*. Observemos primeiramente os enunciados (1) e (2) vistos anteriormente ao lado de suas traduções:

(1) Cada um trazia, na *capanga*, bem agargalada, uma garrafa suplementar.

(1a) Chacun avait, dans sa *musette*, bien bouchée, une bouteille supplémentaire.

(2) ...os *capangas*, lá fora, empunhando os cacetes...

(2a) ...les *hommes de main*, dehors, prêts à donner du gourdin...

Percebemos rapidamente que as lexias distintas que se encontram em relação de tradução vivenciam uma situação pseudo-sinonímica. Nessa situação, teríamos ao mesmo tempo algo que seria específico a cada uma das lexias e algo que seria comum entre elas. Em tese, se uma lexia traduz-se por outra, alguma propriedade operacional colocada em prática por meio delas no seu uso efetivo pelos enunciadores é comum a ambas, pelo menos em co-texto e contexto específicos.

Para observar a organização dos valores referenciais de *capanga* em toda a extensão de *Sagarana* e a sua relação com *musette, bourse, équipe, gardes du corps, hommes de mains*, levando em conta a especificidade de cada uma dessas lexias, demos início ao procedimento da concordância, utilizando o programa WordSmithTools, cujo resultado apresentamos a seguir:

Procedimento 1: Concordância de capanga

	Concordance	Set Tag Word No.
N		
1	isinhas que estão numa capanga bordada, enrola	298 pang
2	e depois de matar dois capangas e ferir mais m	159 pang
3	va boa matalotagem, na capanga, e também o b	279 pang
4	tar. Deixou comigo a capanga e o sedenho; fo	89 pang
5	is um... Mas um dos capangas mais velhos di	168 pang
6	quitola, que está com a capanga cheia delas, tir	241 pang
7	torcido aos pulsos dos capangas, urrava e berra	198 pang
8	is não era preciso, e os capangas pulavam de ca	121 pang
9	o mais, sempre com os capangas, com mulhere	223 pang
10	to, sempre no meio dos capangas, compondo ca	13 pang
11	. Cada um trazia, na capanga, bem agargalad	80 pang
12	cantadas públicas. os capangas, lá fora, empu	38 pang
13	dos mais respeitáveis capangas do Major Ana	63 pang
14	em qualquer tombou da capanga. O binóculo.	289 pang
15	m, os quatro, para seus capangas, pagando bem	215 pang

A partir do quadro de concordâncias acima, pudemos observar: (i) a distribuição morfológico-estrutural da lexia (*capanga* ocorre, em nosso *corpus*, no feminino singular e no masculino plural); (ii) o seu perfil e padrão colocacionais; (iii) a sua prosódia semântica (*capangas* confere negatividade ao texto; *capanga*, neutralidade). Para verificar mais acuradamente as suas realizações pragmático-textuais, seria necessário obter mais ocorrências para análise, o que somente seria possível com o aumento do *corpus*. Após a observação desses enunciados, passamos à elaboração da FE de *capanga*, ou seja, um funcionamento que delinea a identidade de sua variação semântica, a qual apresentamos a seguir:

CAPANGA marca a instanciação de uma relação entre protetor, entidade Q, e protegido, entidade Z, pela sujeição de Q a uma entidade P, que orienta os deslocamentos de Q.

Após a construção dessa definição hipersintática de *capanga*, partimos para o seu alinhamento e, simultaneamente, à frequência das ocorrências das diferentes traduções:

Procedimento 2: Alinhamento dos enunciados que contêm *capanga*³

Capanga	Número de Ocorrências	Frequência
Hommes de main	5	33,33
Gardes du corps	3	20
Équipe	1	6,66
Musette	5	33,33
Bourse	1	6,66
Total	15	100

A elaboração desse quadro de frequência é essencial, funcionando como um critério a ser aplicado na construção do verbete da lexia

em estudo. Desse modo, para a acepção capanga-homem, deverá aparecer em primeiro lugar e mais vezes na microestrutura do verbete o paralelismo *capanga – hommes de main*; em segundo lugar *capanga – gardes du corps*; e, em terceiro, *capanga – équipe*. Para a acepção capanga-bolsa, em primeiro lugar e mais vezes, *capanga – musette* e, em segundo lugar, *capanga – bourse*. Temos assim uma relação entre os valores de frequência das traduções de *capanga* no *corpus* e a sua respectiva ordem de inserção no verbete, o que dá origem ao que denominamos de princípio de proporcionalidade, ou seja, quanto mais um paralelismo ocorre no *corpus*, ele ocupará uma posição de primazia com relação à ordem das acepções e aparecerá mais vezes nas exemplificações. Desse modo, a acepção de capanga-homem será a primeira na microestrutura e o paralelismo *capanga – hommes de main* aparecerá em primeiro lugar no verbete com três exemplificações; *capanga – gardes du corps* em segundo lugar com duas exemplificações; e *capanga – équipe* em último lugar com apenas uma exemplificação. A acepção capanga-bolsa será a segunda e o paralelismo *capanga – musette* aparecerá em primeiro lugar com duas exemplificações e *capanga – bourse* em segundo lugar com somente uma exemplificação.

Feito o alinhamento, demos início à análise tradutória das ocorrências para verificar o que diferencia *musette* de *bourse* com relação à acepção de capanga-bolsa e o que distingue *homme de main*, *garde du corps* e *équipe* entre si para capanga-homem. Essas análises são fundamentais para uma melhor caracterização da diversidade semântico-cultural dos diferentes paralelismos em observação e, conseqüentemente, uma melhor apresentação das subdefinições da lexia em estudo.

As diferentes relações de tradução dos paralelismos

Capanga, lexia simples cuja origem é *kappanga*, do quimbundo, apresenta o sinônimo *bocó*, quando no feminino e, em geral, no

singular, para a acepção de “bolsa pequena usada por viajantes a tiracolo para transportar pequenos objetos ou pequena bolsa de mão, em geral presa ao pulso”, e os sinônimos *cacundeiro*, *bate-pau*, *guarda-costas*, dentre muitos outros, quando no masculino e, em geral no plural, para a acepção de “valentão assalariado”.

Musette, que aparece como tradução de *capanga* para a acepção de bolsa, tem sua origem no antigo francês *muse* (que vem de *cornemuse* – gaita de foles, e tem referência também no *Bal Musette*) e significa, dentre outras acepções, “bolsa de tecido que se leva a tiracolo”. Nesse caso, a tradução, que pode ser classificada como literal segundo Aubert (1998), ancora-se na própria cultura francesa, na qual a referencialidade da língua/cultura-fonte encontra lugar. Já *bourse*, lexia simples que vem do latim *bursa* (couro), é uma pequena bolsa arredondada, franzida ou sanfonada, destinada a conter moedas. Essa lexia possui dois sinônimos em francês, *porte-monnaie* (porta-níquel) ou *argent* (dinheiro), ambos relacionados a valores monetários. Embora tenha sido igualmente ancorada na cultura francesa, *bourse* parece modular (Aubert 1998) a perspectiva de *capanga*, já que esta *pode* carregar, como no caso dos capangueiros, mas não necessariamente carrega, objetos de valor.

Com relação à outra acepção, *homme de main* parece estabelecer com a lexia *capanga* uma relação de literalidade no domínio da cultura social (Aubert, 1998), uma vez que remete a “homem que, mediante pagamento ou salário, executa tarefas baixas ou criminosas a mando de alguém”. *Garde du corps*, por sua vez, modula a relação de tradução (Aubert 1998), já que a principal função de um *garde du corps*, que é proteger uma pessoa, não chega necessariamente aos mesmos fins dos serviços executados por um capanga, os quais podem variar da simples ameaça à aniquilação do alvo a que se destinam as ordens recebidas. Também *équipe* modula a relação (Aubert 1998): embora um grupo de capangas sempre esteja unido numa tarefa comum como uma equipe, suas ações quase sempre são criminosas, o que não é absolutamente o caso de *équipe*.

As diferentes nuances na variação das opções de tradução para *capanga* têm a sua origem no contexto e co-texto em que a lexia ocorre no original em português. Assim, *musette* será o termo geral para traduzir *capanga* no feminino singular e *bourse* aparecerá quando o conteúdo da *capanga* implicar em algum valor. Do mesmo modo, o tradutor escolherá *homme de main* para *capanga* quando as ações do grupo de homens em questão conduzirem ao crime; optará por *garde du corps* no momento em que o fato de proteger for o enfoque do grupo; e por *équipe* quando o fato de ser um grupo se sobrepuser ao crime e à proteção. A variação das opções de tradução apresenta um interesse duplo: de um lado, explícita, para a análise enunciativa, os possíveis desdobramentos da variação semântica de *capanga* e, de outro, representa, para a aplicação lexicográfica, a possibilidade de co(n)textualizar as relações lingüístico-culturais que se estabelecem entre as duas línguas e culturas em observação.

A forma esquemático-tradutológica

Após o alinhamento e a análise tradutológica das ocorrências em situação de tradução, elaboramos uma forma esquemático-tradutológica para *capanga*:

CAPANGA marca a instanciação de uma relação entre protetor, entidade Q, e protegido, entidade Z, pela sujeição de Q a uma entidade P, que orienta os deslocamentos de Q

Se Q, Z e P são entidades animadas e Z e P são uma mesma entidade, então teremos paralelismos do tipo:

capangas – *hommes de main*

capangas – *gardes du corps*

capangas – *équipe*.

Se Q e Z são entidades inanimadas e P é uma entidade animada, então teremos paralelismos do tipo:

capanga – musette
capanga – bourse

O esquema acima reforça o caráter polissêmico, e não homonímico, das diferentes acepções de *capanga*: a análise enunciativo-tradutológica da lexia mostra que, embora aparentemente uma *capanga* não tenha nada em comum com um *capanga*, há um mecanismo regular entre uma e outra acepção que se verifica em todos os usos textuais de suas ocorrências, o que só se faz possível pela observação do funcionamento representacional, referencial e regulador da linguagem apreendida na relação entre as duas línguas em questão atualizadas na enunciação. Desse modo, tanto *uma capanga* quanto *um capanga* apresentam uma forte identidade pela relação de sujeição que representam em cada um de seus diferentes usos.

Aplicação lexicográfica

Após realizados a concordância, o alinhamento e as respectivas análises das ocorrências, demos início à aplicação lexicográfica dos resultados obtidos, contando com uma simplificação da definição e subdefinições hipersintáticas extraídas da forma esquemático-tradutológica elaborada para *capanga* e com a sua apresentação bilíngüe. Apresentamos, a seguir, o verbete experimental de *capanga*:

CAPANGA rel. suj. 1. Entidade animada cujas ações de proteção estão sujeitas à orientação de uma segunda entidade animada, que é também a entidade protegida. // Entité animée dont les actions de protection sont assujetties à l'orientation d'une deuxième entité

animée, qui est aussi l'entité protégée. **1.1** Com ações em geral criminosas realizadas mediante pagamento // Avec des actions en général criminelles réalisées moyennant une paye: **homme de main**.

1.1.1 *Mas o Major piscou, apenas, e encolheu a cabeça, porque mais não era preciso, e os CAPANGAS pulavam de cada beirada, e eram só pernas e braços. -Frecha, povo! Desmancha! // Mais le Major cligna de l'œil, simplement, et rentra la tête, car il n'en fallait pas plus: les HOMMES DE MAIN sautaient déjà de chaque côté, à bras et jambes raccourcis. -Foncez, les gars! Démolissez-le!*

1.1.2 *Enquanto isso, Lalino Salãthiel pererecava ali por perto, sempre no meio dos CAPANGAS, compondo cantigas e recebendo aplausos, porque, como toda espécie de guerreiros, os homens do Major prezavam ter as Façanhas rimadas e cantadas públicas. // Entre-temps, Lalino Salanthiel vadrouillait dans les environs, toujours flanqué d'HOMMES DE MAIN, composant des chansons et recevant des ovations, car, à l'instar de toute espèce de guerrier, les hommes du Major attachaient du prix à avoir leurs exploits mis en rimes et chantés en public.*

1.1.3 *No mais, sempre com os CAPANGAS, com mulheres perdidas, com o que houvesse de pior. // Le reste du temps, toujours avec ses HOMMES DE MAIN, avec des filles perdues, avec ce qu'il y avait de pire.*

1.2 Com a ação de proteger mediante pagamento // Avec l'action de protéger moyennant une paye: **garde du corps**.

1.2.1 *O Major Consilva tinha ajustado, um e mais um, os quatro, para seus CAPANGAS, pagando bem. // Le Major Consilva les avait engagés, un par un, les quatre, comme GARDES DU CORPS, moyennant une bonne paye.*

1.2.2 *Foi cuspir no cangussú detrás da moita, e ficou morto, mas já dentro da sala-de-jantar do Major, depois de matar dois CAPANGAS e ferir mais um... // Il est allé cracher sur la bête fauve derrière son buisson et était tombé mort, alors qu'il était déjà dans la salle à manger du Major, après avoir descendu deux GARDES DU CORPS et blessé un autre...*

1.3 Com uma ação comum // Avec une action commune: **équipe**. *Mas um dos CAPANGAS mais velhos disse melhor: -Arma uma cruz aqui mesmo, Orósio, para de noite ele não*

*vir puxar teus pés. // Mais un des plus anciens de l'ÉQUIPE trouva mieux à dire: -Plante une croix ici même, Orósio, pour que la nuit il vienne pas te tirer par les pieds. 2. Entidade inanimada cuja função é proteger em seu interior uma segunda entidade inanimada e cujos deslocamentos estão sujeitos à orientação de uma entidade animada. // Entité inanimée dont la fonction est protéger une deuxième entité inanimée et dont les déplacements sont assujettis à l'orientation d'une entité animée. 2.1 Entidade protegida sem grande valor; entidade protetora levada a tiracolo pela entidade animada // Entité protégée sans grande valeur; entité protectrice portée en bandoulière par l'entité animée: **musette**. 2.1.1 Cada um trazia, na CAPANGA, bem agargalada, uma garrafa suplementar. // Chacun avait, dans sa MUSETTE, bien bouchée, une bouteille supplémentaire. 2.1.2 Um trem qualquer tombou da capanga. O binóculo. // Un objet est tombé de ma MUSETTE. Les jumelles. 2.2 Entidade protegida de valor // Entité protégée de valeur: **bourse**. 2.2.1 E aquelas coisinhas que estão numa CAPANGA bordada, enroladas em papel-de-venda e tudo passado com cadarço, no fundo da canastra,... se rato não roeu... você enterra junto comigo... // Et ces petites choses qui sont dans une BOURSE brodée, enveloppées dans du papier d'emballage, le tout serré par un cordon, au fond du bahut... si un rat les a pas rongées... tu les enterres avec moi...*

O verbete acima apresenta características radicalmente diferentes daquelas encontradas nos dicionários bilíngües português-francês que consultamos. Consideremos, visando a uma ilustração inicial, os verbetes de dois dos quatro dicionários citados referentes à lexia *capanga* na direção português > francês:⁴

capanga *s.m.* homme de main, sbire; (*fam.*) gorille. (Rónai 1989:332)

capanga [kã-pin-gã], *n. m.* Brés. Querelleur, matamore, fanfaron || *N. f.* Petite bourse que les voyageurs portent en bandoulière. (Azevedo 1998:263)

Dos dois verbetes acima, nota-se que apenas Azevedo (1998) registra as duas diferentes acepções da palavra, apresentando para a segunda delas uma definição sem correspondente vocabular. Sobre este último aspecto, comenta Nemésio, autor do prefácio do dicionário português, que as longas definições são em geral dispensáveis na microestrutura de dicionários bilíngües e que a correspondência vocabular direta é mais eficiente, já que o dicionário bilíngüe “deve responder pronta e precisamente ao tradutor” (Azevedo, 1998:ix). Essa opinião é compartilhada por Rey-Debove, para quem a definição num verbete de dicionário bilíngüe é necessária apenas “quando aquilo que tem nome numa língua não o tem na outra” (1984:67).⁵ Em pesquisa preliminar em nosso *corpus* sobre a lexia *capanga*, no entanto, observamos que apenas na definição da segunda acepção aparece uma ocorrência repertoriada no dicionário de Domingos de Azevedo, *bourse*, a qual recorta de antemão o campo semântico ao qual *capanga* pode remeter. Esse dicionário, vale ressaltar, é de origem portuguesa, e registra, vez ou outra, as lexias específicas brasileiras. No dicionário brasileiro de Paulo Rónai, *homme de main*, lexia complexa que traduz *capanga* no *corpus* consultado, aparece. *Sbire*, um pouco pejorativo e com remissão ao universo da polícia, e *gorille*, com remissão ao semantismo envolvendo guarda-costas, no entanto, não se verificam em nosso *corpus* de estudo.

Consultando um ou outro desses verbetes, o consulente não poderia decidir, frente ao rol de correspondentes oferecidos por esses dicionários, qual seria o vocábulo mais apropriado para resolver o seu problema, oriundo de seu aprendizado da língua estrangeira ou de sua prática tradutória, sem antes proceder a uma pesquisa maior, envolvendo certamente outros dicionários bilíngües e monolíngües. Segundo o nosso entender, é possível resolver essa questão no universo atual da lexicografia bilíngüe pela definição da entrada seguida de sua contextualização paralela.

De um modo geral, os dicionários consultados expressam em suas páginas o pensamento da lexicografia bilíngüe tradicional. Ins-

pirados nas palavras do prefaciador de Azevedo (1998), Vitorino Nemésio, poderíamos dizer que os dicionários analisados, embora sejam de forma significativa fonte de consulta para estudantes e profissionais de línguas em geral, apresentam resultados de um trabalho que não é propriamente científico. Não há nessas obras, com alguma exceção para o dicionário de Signer (1998), detalhes sobre a constituição de suas micro e macroestruturas ou sobre as diretrizes que nortearam as relações estabelecidas entre as entradas e os seus diferentes correspondentes na outra língua. Atualmente, com os avanços tecnológicos e científicos aplicáveis à lexicografia, é possível explicitar as concepções teóricas que dirigem a elaboração dos dicionários, justificar as relações construídas entre entrada e correspondentes pelo manejo de *corpora*, sejam eles paralelos (originais e traduções) ou comparáveis (originais em ambas as línguas), e é indispensável utilizar ferramentas computacionais robustas que conduzam a um melhor aproveitamento do material a ser analisado, tanto em termos de tempo como de qualidade.

No verbete experimental que apresentamos, a entrada não é classificada pelo recurso a valores morfológico-gramaticais; ela é, pelo contrário, vista como uma marca de um processo de linguagem entre uma entidade protetora e outra protegida, a qual denominamos de *relação de sujeição* (abreviada como rel. suj.). Num dicionário desse tipo, o consulente encontrará mais detalhes sobre essa nomeação na introdução da obra ou na lista de abreviaturas. Em seguida, cada valor referencial diferente de *capanga* é definido de forma bilíngüe de acordo com as análises feitas e contextualizado em português e em francês, o que dá ao consulente a dimensão do co-texto, das co-ocorrências possíveis e dos padrões paralelos. Faz-se importante notar que um trabalho como esse, baseado em *corpus*, tem os seus valores estabelecidos não na experiência subjetiva do lexicógrafo mas em critérios que emanam dos próprios procedimentos adotados. Além disso, o acréscimo da definição e da contextualização à microestrutura faz desse verbete um elemento que se contrapõe àquilo que se pode encontrar em outros dicionári-

os de mesmo teor. Os objetivos de nossa abordagem lexicográfica encarnam, a nosso ver, o que Tognini-Bonelli (2001:19) chamou de *unidades de sentido ampliadas*, ou seja, dar sentido a uma palavra é relacioná-la a um co-texto e um contexto particulares, já que, fora do texto e da enunciação, a palavra tem múltiplos sentidos que não estão estabilizados.

Verbetes-modelo bilíngüe baseado em corpora paralelos

Das análises e resultados obtidos, elaboramos um verbete-modelo bilíngüe que funcionará como ponto de partida para os trabalhos que pretendemos desenvolver num futuro próximo, com o aumento das lexias analisadas e do *corpus*, para uma maior confiabilidade e representatividade dos dados, o qual apresentamos abaixo:⁶

ENTRADA relação marcada pela lexia 1. Definição da primeira acepção da entrada baseada na FE em português. // Definição da primeira acepção da entrada baseada na FE em francês. **1.1** Definição do paralelismo mais freqüente em português. // Definição do paralelismo mais freqüente em francês: **ocorrência(s) em francês.** **1.1.1** *Primeiro exemplo do PARALELISMO mais freqüente em português.* // *Primeiro exemplo do PARALELISMO mais freqüente em francês.* **1.1.2** *Segundo exemplo do PARALELISMO mais freqüente em português* // *Segundo exemplo do PARALELISMO mais freqüente em francês.* **1.2** Definição do segundo paralelismo mais freqüente em português. // Definição do segundo paralelismo mais freqüente em francês: **ocorrência(s) em francês.** **1.2.1** *Primeiro exemplo do segundo PARALELISMO mais freqüente em português.* // *Primeiro exemplo do segundo PARALELISMO mais freqüente em francês.* **1.2.2** *Segundo exemplo do segundo PARALELISMO mais freqüente em português* // *Segundo exemplo do segundo PARALELISMO mais freqüente em francês.* **1.3** Definição do ter-

ceiro paralelismo mais freqüente em português. // Definição do terceiro paralelismo mais freqüente em francês: **ocorrência(s) em francês**. **1.3.1** *Primeiro exemplo do terceiro PARALELISMO mais freqüente em português. // Primeiro exemplo do terceiro PARALELISMO mais freqüente em francês.* **1.3.2** *Segundo exemplo do terceiro PARALELISMO mais freqüente em português // Segundo exemplo do terceiro PARALELISMO mais freqüente em francês.*

Considerações finais

Enquanto a FE apresenta, num universo monolíngüe, uma definição hipersintática sobre o funcionamento de uma dada forma empírica (uma forma textual) pela sua variância de uso (polissemia), sublinhando a especificidade latente que a faz diferente das outras formas empíricas, a forma esquemático-tradutológica apresenta, num universo bilíngüe, uma definição hipersintática sobre a variância das formas empíricas num uso específico (em tese, sem polissemia), trazendo à tona a especificidade da sinonímia que essas formas distintas colocam em prática e que as faz substituíveis umas pelas outras em determinados co-textos e contextos. Além disso, a forma esquemático-tradutológica traz à tona, metalingüisticamente, o vínculo que une duas ou mais formas empíricas diferentes de duas línguas distintas, colocando em relação, pela tradução, a linguagem e as línguas.

Através da aplicação do conceito de forma esquemático-tradutológica como base de procedimentos de análise de unidades léxico-gramaticais baseada em *corpus* com fins de aplicações lexicográficas, podemos dizer que os procedimentos e critérios experimentais desenvolvidos neste artigo com vistas a uma abordagem diferencial da lexicografia bilíngüe, se comparados às metodologias, procedimentos e critérios dos dicionários bilíngües consultados, tem como uma de suas maiores contribuições a possibilidade, oferecida pelo *corpus* paralelo, de incluir definições e contextualizações da

variação semântica das lexias estudadas na microestrutura dos verbetes, cuja elaboração se dará, não de forma aleatória, mas baseada numa relação de proporcionalidade entre frequência de ocorrência no *corpus* e ordem de inserção no verbete.

Agradecimento

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP (proc. 02/13435-0).

Notas

1. O *corpus* do qual nos servimos neste artigo é a base de nosso projeto de pós-doutoramento desenvolvido na Universidade de São Paulo sob a supervisão do professor Francis Henrik Aubert e com o auxílio da FAPESP (proc. 02/13435-0).
2. Dependendo do ponto de vista adotado na análise, essa variação pode ser tratada como polissêmica ou homônica; para nós, ela é funcionalmente polissêmica, como veremos mais adiante.
3. Não apresentaremos aqui os enunciados alinhados por inteiro, apenas as lexias em relação de tradução (para uma exemplificação dos paralelismos, cf. item “Aplicação lexicográfica” deste artigo).
4. Burtin-Vinhos (2003) e Signer (1998) não registram a lexia *capanga*.
5. Sobre essa questão, a nossa proposta sugere que a definição faz-se importante na microestrutura de dicionários bilíngües, desde que seja bilíngüe e devidamente ilustrada por paralelismos.
6. Contamos atualmente com um *corpus* paralelo (originais e traduções) digitalizado de obras literárias na direção português – francês de quase um milhão de palavras

e com a descrição bilingüe português – francês em desenvolvimento de seis marcas do português, a saber: *então, mas, como, um, o* e o artigo zero.

Bibliografia

AUBERT, Francis Henrik. Modalidades de tradução: teoria e resultados. *TradTerm*, São Paulo, n.1 (ano 5), p.99-128, 1sem. 1998.

BORBA, Francisco da Silva (Coord.). *Dicionário de usos do português do Brasil*. São Paulo: Editora Ática, 2002.

BURTIN-VINHOLES, Suzanne. Dicionário francês – português, português – francês. 40. Ed. São Paulo: Globo, 2003.

CULIOLI, A. *Pour une linguistique de l'énonciation: opérations et représentations*. 2. ed. rev. Paris: Ophrys, v.1, 2000.

REY-DEBOVE, Josette. Léxico e dicionário. Tradução de Clóvis Barleta de Morais. *Alfa*, Araraquara, v. 28, 1984, p.45-69.

RÓNAI, Paulo. Dicionário francês / português – português / francês. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

ROSA. G. *Sagarana*. 10 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

ROSA, G. *Sagarana*. Trad. de Jacques Thiériot. Paris: Albin Michel, 1997. (Les Grandes Traductions)

SARDINHA, Tony Berber. *Linguística de corpus*. São Paulo: Manole, 2004.

SIGNER, Rena. Dicionário brasileiro: francês – português, português – francês. São Paulo: Oficina de Textos, 1998.

TOGNINI-BONELLI, Elena. *Corpus linguistic at work*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2001.

ZAVAGLIA, Adriana. Por uma lexicografia bilingüe diferencial. In: DURÃO, A.B.A.B. *Linguística contrastiva: teoria e prática*. Londrina: Moria, 2004a. p.169-177.

_____. Linguística de cópua e lexicografia bilingüe: o caso experimental de como e suas traduções para o francês. *Crop*, n.10, São Paulo, 2004b, p.211-224.

_____. Modalidades de tradução e operações enunciativas: o caso do marcador léxico-gramatical UM e suas traduções para o francês. *Intercâmbio*, n.14, São Paulo, 2005, p.1-10.